

## PREFÁCIO

Nancy Rozenchan

Tudo começou em Babel. Os sumérios entenderam a confusão das línguas como uma brincadeira de mau gosto de um deus brincalhão. Os israelitas a aceitaram como uma defesa contra a ameaça de colaboração humana aos desígnios divinos. Foi percebida por alguns como uma barreira ao companheirismo e louvada por outros como um instrumento para ampliar as nossas percepções. Aqueles que querem saber o que o próximo diz devem aprender a sua língua ou obter uma tradução.

Para tornar a tradução possível, o tradutor deve crer em certas teses impossíveis e que são, ao mesmo tempo, importantes, úteis e falsas.

Uma dessas idéias falsas é, praticamente, indispensável: o texto não é realmente "traduzido", mas "descoberto". E, se o texto já existe, a tradução correta, fiel e verdadei-

*It all began in Babel. The Sumerians conceived the confusion of languages as a prank by a mischievous god. The children of Israel accepted it as a defence against the threat posed by Man's collaboration with the divine intents. It has been understood by some as a barrier to companionship and praised by others as a instrumental to the expansion of our perceptions. Whoever wishes to grasp what his/her neighbour says will have to learn his/her language or procure a translation.*

*In order to render translation possible, the translator will have to believe in certain impossible theses and which are, at the same time, important, useful and false.*

*One of such false ideas is, for all practical purposes, indispensable: the text is not actually "translated" but, rather, "discovered". And if the text is preexistent, so is the correct, faithful and true translation, which need only be*

ra também já existe, precisando somente ser descoberta. A tradução é inerente à nova língua. Deve apenas ser desbastada na nova língua, assim como uma figura é talhada numa rocha nua. E esta proposta é essencial para que uma tradução possa ser vista como algo conquistado e concluído.

Quando nos deparamos com uma tradução, queremos sentir como se estivessemos recebendo o próprio original. Queremos estar tranquilos com a competência do trabalho executado, com a sensação de que a tradução deve estar completa em todos os sentidos.

A proposição falsa de que a tradução pré-existe tem a ver também com a maneira como o tradutor se vê em relação ao material a ser traduzido: se se deixa submeter ao texto ou se o subjuga. Num ponto seguinte, o que entra em cogitação é a relação do tradutor com o autor original. Segundo uma série de colocações falsas, porém úteis, pode-se dizer que o tradutor se sente o próprio autor, renascido em outra língua. Através de um processo gradual, o tradutor chega a crer que "habita" o autor. Por fim, torna-se o próprio autor.

Quanto à tradução, esta não é uma sombra ou reflexo do texto original. O texto original e a sua tradução são dois artefatos separados e iguais. Um torna-se o outro, de modo que o usuário não saberá discernir entre o que é original e o que é tradução.

Estas colocações levam a que a única justificativa para uma tradução seja a promessa de que, quando se ouve uma tradução, está-se ouvindo o próprio original.

Agora, vejamos por que estas teses falsas são importantes e úteis para o tradutor:

- se não se acredita que o texto em tradução já existe ali na segunda língua, nunca o acharemos;
- se não se crê que se possui total competência e domínio sobre o texto em termos de forma e de sentido, então realmente não se tem domínio sobre ele;

*unveiled. The translation is inherent to its new language. It must only be chiseled out in its new language, much as a statue is hewn out from the bare rock. And this proposal is essential if a translation is to be seen as something which has been achieved and completed.*

*When placed before a translated text, one aims to feel it as if one were receiving the original itself. One desires to be confident about the competence with which the work was carried out, and at ease with the feeling that the translation is complete in all respects.*

*The false proposition that the translation is preexistent has also to do with how the translator sees him/herself in relation to the material to be translated: if he/she is submissive to the text or submits it to him/her. Another point is the translator's relationship with the original author. According a series of false, but nevertheless useful considerations, one might say that the translator feels he/she is the actual author, reborn in a new language. By a gradual process, the translator will believe he/she "inhabits" the author. Finally, he/she becomes the author him/herself.*

*As for the translation, it is not a shade or a reflection of the original text. The original text and its translation are two separate and equal artifacts. One becomes the other, so much so that the user will not be able to identify which is the original and which is its translation.*

*These considerations lead us to an awareness of the fact that the only justification for a translation is the promise that when hearing a translation, one is indeed hearing the original itself.*

*Let us now see why these false theses are so important and useful for the translator:*

- *if one does not believe that the text under translation already preexists in the second language, one will never find it;*
- *if one does not believe that one wields full competence and exerts complete control over the text in terms of form and meaning, then, indeed, one will find oneself unable to control it;*

- se não se crê que se pode chegar a atingir um texto tal e qual o original, então o que se atinge é apenas uma sombra imprecisa e um espelho quebrado.

A sugestão destas teses é que o ato tradutório – bem como a busca terminológica da univocidade forma/sentido, ao interior de cada língua e entre as diversas línguas – é, antes de tudo, um ato de fé. E tal ato de fé é certamente encampado, de forma consciente ou não, por boa parte dos tradutores e terminólogos. É nesse sentido que servem, a seu modo, como preâmbulo ao lançamento do primeiro número de *TradTerm – Cadernos de Tradução e Terminologia*. Alentadoras para confortar espiritualmente tradutores diante das agruras e desconfortos com que se defrontam, antecedem as páginas que abordam o ofício e a arte de Paulo Rónai, cuja memória homenageamos, e os estudos, reflexões e observações que se seguem, com os quais os diversos colaboradores deste número e dos que, esperamos, devem se seguir, pretendem contribuir para os estudos e debates das questões tradutológicas e terminológicas.

- if one does not believe in the possibility of attaining a text in all respects equivalent to the original, then what one will attain is only a blurred shade and a shattered mirror.

What these theses suggest is that the translational act – as well as the terminological search for the univocity of form/sense, within and between the several languages – is, above all, an act of faith. And such act of faith is certainly assumed, consciously or otherwise, by a fair number of translators and terminologists. It is in this sense that these theses may serve, in a fashion, as a preamble to this first number of *TradTerm – Cadernos de Tradução e Terminologia*. Providing spiritual solace for translators striving under the pains and discomforts of their trade, they precede the pages which present the craft and art of Paulo Rónai, to whose memory we render tribute, and the subsequent studies, considerations and observations, with which the several collaborators of this number and of those which, we hope, are to follow, propose to contribute towards the study of and the debates on translational and terminological matters.

